

Artistas querem ser ouvidos na Constituinte

Fernando Granato

SÃO PAULO — O esparra-mo feito em pleno Congresso Nacional em 1984, por artistas que reivindicam “diretas já”, pode agora se repetir pelos mesmos integrantes da classe artística, dessa vez em número maior, que se lançam pelo “fim da censura, pela democratização dos meios de comunicação, garantia de emprego e pela defesa das conquistas trabalhistas já adquiridas”.

Para dar vida a essa luta, denominada “Movimento Pela Defesa da Cultura”, diversos artistas e entidades ligadas ao meio cultural paulista — como a Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais e a Cooperativa Paulista de Teatro — reuniram-se ontem à tarde no Teatro Ma-

ria Della Costa, de onde surgiu a idéia da caravana a Brasília, que deverá acontecer nos dias 17 e 18 de agosto, juntamente com a participação de entidades de outros estados e que terá a missão de entregar propostas concretas e objetivas da categoria aos constituintes.

Segundo a atriz Lélia Abramo, uma das suas organizadoras, a idéia desse movimento nasceu com a arbitrária censura estabelecida a Teledium, peça teatral, dirigida por Cacá Rosset. “Na ocasião, reunimos mais de mil artistas no Teatro Ruth Escobar e decidimos ir a Brasília entregar, ao presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, um documento de repúdio à censura”, conta a atriz.

O documento entregue a Ulysses, em maio, não teve



Plínio Marcos, Leila Abramo e Rodolfo Konder (os três à direita) em reunião contra a censura

Murilo Menon

validade porque as 37 mil assinaturas estavam desacompanhadas dos respectivos números dos títulos de eleitor. “Dessa vez engrossamos o movimento com novas propostas que vão além da censura”, afirma Lélia Abramo, ao se referir a itens como a descentralização dos meios de comunicação que, segundo ela, estão restritos à região Sudeste do país, “o que leva a uma descaracterização do regionalismo cultural brasileiro”.

Além disso, a atriz explica, os artistas reivindicam dos constituintes a garantia de exibição de obras brasileiras no rádio e na televisão. “Já existe uma lei que obriga as emissoras a preencher 70% da programação com obras brasileiras, mas ninguém cumpre e eles acabam considerando

jogo de futebol e desfile de moda como obra nacional”, queixa-se ela.

O diretor Cacá Rosset, que foi vítima recente da censura, integra esse movimento pela defesa da cultura e não se cansa de dizer que ele e todos os artistas brasileiros exigem a integridade da obra artística e “não admitem mais a falta da liberdade de expressão”. Um pouco mais cético com relação a este tipo de movimento, o ator Antonio Fagundes, também presente ao encontro de ontem, disse que participa dessas iniciativas há 20 anos, sem que nenhuma delas tenha dado resultado. “O Artur de Azevedo já fazia esses movimentos no fim do século passado e nunca foi ouvido”, lembra Fagundes. “Tudo bem, o importante é batalhar”, completa.